“Atores e construtores da própria existência”:
experiências de trabalhadores na construção do socialismo chileno

MÁRCIA CAROLINA DE OLIVEIRA CURY*

O tema da Unidade Popular (UP) gerou produções na sociologia e na historiografia de diferentes países. Tal interesse se justifica, principalmente, devido ao significado histórico que teve a experiência de tentativa de construção do socialismo por meio das instituições chilenas a partir da vitória eleitoral de um presidente da esquerda. Diferentes autores analisaram características da “experiência chilena”, e em especial o conflito político institucional entre os partidos atuantes no período e as disputas ideológicas internas da UP. Esta é uma bibliografia que privilegiou a política institucional e acabou por negligenciar os demais sujeitos históricos envolvidos na tentativa de edificação de uma nova sociedade.

Em geral, o conflito ideológico no interior da esquerda entre o projeto de construção institucional do socialismo e a defesa da via insurrecional está apontado como um dos principais fatores de insustentabilidade do governo, uma vez que setores radicalizados da esquerda partidária teriam agravado a polarização ideológica na disputa institucional e nos setores organizados da sociedade.

Em pesquisas mais recentes é possível visualizar uma nova tendência analítica voltada para a participação dos trabalhadores chilenos durante o governo socialista. Inserido nesta nova abordagem, o presente trabalho tem como proposta abordar alguns aspectos do processo político chileno sob a ótica do conflito de classes visualizado ao longo das experiências dos trabalhadores, ou seja, numa perspectiva de tempo mais amplo.

A história vista “de baixo” busca dar voz aos protagonistas do que houve de mais criativo naquele processo político, no intuito de contribuir para a superação dos limites de uma leitura que privilegia a história institucional, e que aponta a radicalização do processo como fruto da ação de parte da esquerda partidária atrelada às concepções rupturistas de revolução, desconsiderando as ações das bases trabalhadoras e, conseqüentemente, as suas motivações. Ao mesmo tempo, visamos demonstrar neste trabalho que, ao contrário da idéia de um deslocamento da luta de classes do Estado

* Doutoranda em Ciência Política – IFCH/Unicamp. Bolsista Fapesp.

para a sociedade civil, como afirma parte da literatura (GAUDICHAUD, 2005), a lógica do conflito de classes presente no cotidiano dos trabalhadores, ao encontrar eco num projeto político transformador, adquiriu amplitudes que suplantaram a lógica governamental.

Este trabalho está inserido numa abordagem que intenta pensar as experiências dos trabalhadores como uma história marcada por práticas que expressam identidades culturais e valores compartilhados forjados a partir de experiências em comum, como uma classe no sentido social. A categoria de "experiência", portanto, nos guia, na medida em que ela demonstra que as "estruturas objetivas" geram efeitos sobre a vida das pessoas; é por isso que, por exemplo, temos classes e não apenas relações de produção. É tarefa do historiador e do sociólogo explorar o que essas "estruturas" fazem à vida das pessoas, como o fazem e como as pessoas reagem - ou, como Thompson poderia ter dito, como as pressões determinantes dos processos estruturados são sentidas e manipuladas pelas pessoas. (WOOD, 2003, p.90)

Essa perspectiva de análise é permitida a partir do estudo de elementos do processo de formação daquela classe, no seu trabalho, da sua vida cotidiana e da sua relação com a esfera política, e possibilita então compreendermos por que e como se deu a sua mobilização. Tais elementos são buscados em depoimentos orais coletados para a pesquisa que sustenta este trabalho, bem como nos registros da imprensa e documentários do período. Os depoimentos dos trabalhadores são bastante elucidativos na medida em que expressam os objetivos almejados nas suas ações, a sua identificação com os demais trabalhadores a partir de elementos da sua vida cotidiana e com elementos do projeto socialista, e de oposição a outros grupos.

As principais expressões do protagonismo dos trabalhadores neste processo se deram com o movimento de *pobladores*, que mobilizou a luta pela moradia e por novos modelos de organização comunitária a partir das suas próprias tradições de luta e de uma autoridade política com um novo sentido[1]; com o fenômeno dos Cordões Industriais, que consistiram em cinturões industriais localizados principalmente na capital, cujas fábricas foram ocupadas pelos trabalhadores para garantir a produção e o

[1] Os registros de luta por melhores condições de moradia dos trabalhadores da capital Santiago datam da década de 1920, enquanto que a primeira ocupação de terreno na cidade, e que daria origem à *población* La Légua Nueva, ocorreu em 1947. Ver: GARCÉS, Mario. Construyendo "las poblaciones": El movimiento de pobladores durante la Unidad Popular. In: VALLEJOS, Julio Pinto (Coord)., 2005, p. 59.

abastecimento do país e a nacionalização de empresas, fruto das iniciativas lideradas por setores operários; assim como com as Juntas de Preços e Abastecimento (JAPs), que derivaram para modelos populares conhecidos como as "canastas populares", que lutavam para combater o mercado negro e o desabastecimento gerado pelos boicotes e greves patronais.

Diante da sua atuação, quais interesses seriam defendidos pela classe trabalhadora? Seria a revolução socialista, tal como a apregoada nos folhetos partidários, com a ocupação do poder do Estado; seria o controle dos meios de produção assumido através da ocupação das fábricas; seria a constituição de uma Assembléia Popular que, aliada ao poder institucional também ditasse as novas regras do governo; ou pela primeira vez ter os seus direitos básicos atendidos plenamente?

Todos os depoimentos apontam para a defesa do "seu governo, de um governo que construiria um novo Chile", quando seus protagonistas são/eram indagados sobre o significado das suas ações diretas. Observam-se também os fortes laços dos trabalhadores com os partidos e movimentos de esquerda do país, mas os trabalhadores recorriam à sua própria lógica e formas de atuação, cuja "toma" foi a principal expressão, sem se importar se isso convinha à lógica dos seus órgãos de representação, como a CUT, e do governo, mesmo atuando em defesa dele. A crise de outubro de 1972, gerada pela greve dos caminhoneiros e o grande boicote patronal, foi o fato culminante para que a iniciativa popular superasse os canais institucionais de representação e de participação, resultando na formação de organizações.

Uma forte expressão das reivindicações dos trabalhadores está no significativo aumento do registro de conflitos trabalhistas, que variou da média de mil, entre os anos de 1967 e 1969, para 1819, em 1970, 2709, em 1971, e 1763 somente no primeiro semestre de 1972. Ao mesmo tempo em que a média do número de trabalhadores envolvidos em cada conflito diminuiu, o que indica o crescente conflito nas empresas pequenas. (SILVA, 1998, p. 73) Em muitos dos processos arquivados no Ministério do Trabalho estão registradas ocupações de fábricas, nos quais os trabalhadores exigiam a intervenção do governo por motivos vários, como conflitos trabalhistas.

O que se verá em várias destas pequenas e médias empresas será a ação dos trabalhadores visando a passagem das diferentes indústrias para a área social, ou pelo menos, a intervenção do governo, para obter direitos trabalhistas que supostamente

existiriam na área sob comando estatal. A partir destes atos, a experiência chilena conhecerá uma nova dinâmica, própria dos movimentos de trabalhadores. Os dirigentes da Unidade Popular passaram a se preocupar com a perspectiva de aprofundamento da revolução entre os trabalhadores, atentando para o aumento da pressão 'de baixo' pela estatização das indústrias.

O anseio dos trabalhadores de passarem à área estatizada da economia trazia consigo o desejo de libertação da exploração e dos desmandos patronais, e ainda mais significativo, de darem um novo sentido à produção e ao capital gerado a partir do seu trabalho. Ou seja, havia um forte anseio de que o destino da produção e do capital não fosse mais o lucro patronal, e sim o seu investimento social na construção do novo Chile a partir da gestão estatal. Na busca deste objetivo, os trabalhadores passaram a se organizar e se mobilizar de diferentes formas para incluírem seus postos de trabalho no plano de estatização do governo, que estabelecia critérios, ainda que flexíveis, para a intervenção e confisco, que incluíam desde conflitos de trabalho até denúncias de boicote à produção, e claro, monopólios nacionais e estrangeiros.

Dentro de um contexto de polarização política, as ações dos trabalhadores foram adquirindo uma nova dinâmica, na medida em que buscavam a solução dos problemas mais imediatos, a articulava ao objetivo político mais amplo e ampliava a consciência do seu papel no processo, demonstrando o questionamento que se seguiria à estratégia do governo e à atuação da CUT. Através da sua organização de base seria buscado um caráter mais democrático àquele processo. Nesse sentido, buscavam imprimir a sua dinâmica para solucionar problemas urgentes, agregando numa lógica política mais radical valores que lhes eram próprios e a práxis decorrente das suas experiências.

Entre os trabalhadores é possível notar nos primeiros resultados que a questão do poder não passava pela tomada do poder institucional, tal como era vocalizado pelas vanguardas partidárias, principalmente entre os socialistas, mas é possível afirmar que a reivindicação do poder na lógica de atuação e no entendimento acerca do projeto socialista que tinham os trabalhadores estava relacionada à recusa da condição de simples homem-mercadoria, o protagonismo era reivindicado e exaltado na perspectiva da construção de um novo homem que atuaria na construção de uma nova sociedade, como podemos visualizar neste poema escrito por um operário num jornal organizado pelos trabalhadores do comitê cultural da fábrica, texto intitulado Hombre Nuevo:

E então
O habitante plural das máquinas
O fazedor de telas
O que aprisiona a fibra e a converte
Em segunda pele para o inverno [...]
Esse homem múltiplo
Jovem, mulher, ansião, homem
Feito de heroísmos cotidianos
De alegria e de chuva, de dor e de sal [...]
Um dia de maio
Se cansou de ser peça de máquina,
De ser o espectador da epopéia
E quis ser o *ator e construtor da sua existência*...
E levantou sua voz de ira
O gesto insubornável
de sua firme presença coletiva
esvaziou a toca
dos senhores que fizeram sua fortuna
com a mais valia sugada dos operários
E uma nova etapa surgiu na colméia fabril
Uma rota que se abre a golpes;
se reencontram o homem e o trabalho
o fruto da sua mente e dos seus músculos
já não é seu inimigo
mas, seu complemento. E ao transformar o mundo
o homem se transforma
e renasce [...] (SALAS, 1971, p.38-39)
[grifos meus] [Tradução minha]

Essa luta contra a sua condição ora foi travada contra o controle burocrático da produção, ora contra o controle do seu ambiente comunitário e contra tudo o que pudesse representar entrave ao andamento do processo de construção do socialismo, ou seja, a sua atuação foi direcionada primeiramente contra aquele que melhor encarnava a relação de exploração e subordinação, o próprio patrão, os burocratas e os *momios*, em geral. A forte resistência sustentada pelos trabalhadores à proposta do governo de negociação com os empresários, que garantia a devolução das empresas tomadas durante a paralisação de outubro, foi um exemplo extremamente significativo acerca da valorização do comando dos trabalhadores.

Uma das particularidades que se pode observar no movimento sindicalista chileno é que ele era suficientemente extenso e, o que é mais importante, suficientemente representativo da força operária ativa, ou seja, não estava composto por uma elite de trabalhadores sem nenhum vínculo verdadeiro com a classe operária. Evidentemente, com a complexidade que assumiu a estrutura sindical do país, é muito difícil estabelecer proposições gerais a respeito da natureza e características do movimento, com muitos sindicatos pequenos, inúmeras situações em que o sindicato era

dominado pelo patrão, já que os estabelecimentos muito pequenos podem favorecer com freqüência um tipo de relação que liga os empregados com os patrões.

Hugo Valenzuela, operário da industria têxtil Sumar relatou expressões destas práticas exercidas tanto pela figura do patrão, num modelo autoritário e paternalista, em que uma das características era a presença do empresário no chão de fábrica, e numa amostra da transição para um novo tipo de relações, com a transmissão da autoridade para chefes de seção:

> O patrão era o dono da Sumar, Sr. Guillermo Sumar. Era um tipo déspota terrível; despediu um companheiro por ser feio. Um dia chegou e disse: "o que este feio faz aquí?". Por ser feio! Depois, quando nós tomamos a fábrica, fomos buscar o companheiro e o reingressamos à fábrica. Olha, o companheiro Espinosa, eu me lembro bem porque foi uma pena terrível o que ocorreu, um trauma forte que ele provocou a este companheiro. (depoimento de Hugo Valenzuela à autora, junho-2009) [Tradução minha]

É importante observar que o sistema de relações trabalhistas, de fato, gerou grandes dificuldades para o desenvolvimento do movimento dos trabalhadores, principalmente através do controle exercido por um sistema paternalista predominante, bem como pelos limites do controle estatal sobre os desmandos patronais. No entanto, tal estrutura encontrou os seus limites na extensão do controle que se poderia exercer sobre a geração de laços de solidariedade entre os trabalhadores para buscar soluções a partir da sua experiência cotidiana, de uma identidade, de filiações ou simpatia política por projetos transformadores, que num momento de mobilizações políticas diferenciadas no país, eclodiram em práticas revolucionárias.

No mundo do trabalho, ao longo dos anos, ainda que os industriais preferissem contratar trabalhadores rurais recém migrados e seus filhos por se originaram de locais onde ainda prevaleciam relações paternalistas e forte controle social, contando, portanto, com uma suposta passividade e obediência, estes trabalhadores viviam em comunidades onde a natureza das interações sociais e da vizinhança transmitia, reforçava e consolidava um forte sentido de solidariedade e de identidade de classe. Alguns deles eram de cidades de província e levavam com eles as visões de mundo do centro mineiro do norte e de Antofagasta, da cidade industrial de Concepción, ou dos portos centrais de Valparaíso ou San Antonio, os quais têm suas tradições de luta. Entre os trabalhadores urbanos, a experiência de vida na mesma comunidade contribui para o compartilhamento de um mesmo modo de vida, de pensamento, para o reconhecimento de interesses em comum e da oposição de classes ao identificar nas suas dificuldades a

ausência da garantia de direitos básicos e os privilégios garantidos a poucos na cidade. Citando como exemplo a población em San Miguel, a "comuna roja", Winn corrobora a importância da sociabilidade na comunidade de trabalhadores:

> A linguagem e a política de classe os cercavam, como o hábito da solidariedade e a tradição de luta. Em geral, a influência da escola e da igreja era menos importante que as da família e dos amigos. As expectativas dos adultos e as interações com grupos pares reafirmavam um forte sentido de identidade de classe e a experiência dos menores com o mundo fora da población freqüentemente corroborava a lição de que o Chile era uma sociedade de classes. Para a maioria, a consciência de classe trabalhadora começava em casa. Eram os familiares, amigos e vizinhos que formavam suas visões iniciais da sociedade chilena e seu lugar dentro dela. (WINN, 2004) [tradução minha]

Ainda que os depoimentos, em geral, retratem processos ocorridos no início de 1970, as experiências cotidianas relatadas pelos colaboradores que nos concederam entrevistas demonstram a permeabilidade do sistema de relações trabalhistas gerada ao longo dos anos, onde, a partir da sociabilidade intensa nos processos de greve, como as *ollas comunes*, uma refeição coletiva feita no sindicato para que os operários se reunissem, nos campeonatos de futebol e nas relações no chão de fábrica, se articulavam idéias e estratégias para alcançar melhor representatividade:

> 85% dos trabalhadores da fábrica vínhamos direto das províncias, sem experiência sindical prévia, ou seja, buscava assim... em termos de abuso, inclusive do sindicato ao qual eu cheguei, que já estava na fábrica [...] então, a gente, para poder manter esse sindicato elegeu ao que nós chamamos o mais amarelo, o mais "apatronado". Então, por dois anos se manteve o sindicato, enquanto por baixo, digamos, iam armando uma estrutura que depois permitiu greves e tudo isso. (depoimento de Carlos Massalin à autora, junho-2009) [Tradução minha]

Este processo de formação da classe trabalhadora e da sua identidade envolve, portanto, além da inserção no processo produtivo nas cidades, as experiências das precárias condições de vida que estes trabalhadores enfrentariam no seu cotidiano. Assim, é importante analisar neste quadro as formas de inserção na capital do país, abordando as diferentes condições de habitação às quais os trabalhadores eram submetidos, como os cortiços, os chamados *conventillos*, e posteriormente, na formação de *poblaciones* e acampamentos.

É importante destacar estas experiências na medida em que nestas dificuldades cotidianas compartilhadas pelos trabalhadores se pode observar a formação de importantes laços de solidariedade, os conflitos, e as lutas coletivas por melhores condições de vida que vão se generalizar, principalmente a partir dos anos cinqüenta,

com as denominadas *tomas*, e assumir formas mais complexas, como nas suas relações mais estreitas com os grupos políticos e a institucionalidade.

Mais do que ocupar um espaço para viver, estes sujeitos desenvolveram estratégias de sobrevivência e de organização coletiva. Grandes bairros populares de Santiago, que foram construídos através deste processo, como La Victoria e La Légua, tiveram participação fundamental no governo da Unidade Popular, quando as ações coletivas se potencializaram nas organizações locais já construídas em processos sociais e políticos de períodos anteriores para a resolução de problemas locais e para a defesa do governo socialista.

Os moradores eram afastados pelo processo de remodelação ou pelos valores que deviam pagar pelos aluguéis na região central e passaram a se instalar em assentamentos precários em terrenos de pouco ou nenhum valor comercial, como na beira de córregos, e mais distantes do centro da cidade: as poblaciones callampas. É neste contexto, portanto, que começa a se desenhar uma nova dinâmica de mobilização pela moradia e por melhorias nas condições de vida do trabalhador. Durante este processo ficou demonstrada a força da ação coletiva dentro da sua própria lógica de ação e organização para conquistar os seus direitos e também para a manutenção das suas formas de organização local, se estabelecendo uma relação com o poder público que se pautou ora pela negociação, ora pelo conflito.

As tomas se transformaram numa das principais formas de manifestação das camadas populares do Chile. Estas se generalizaram como forma de pressionar os governos a responder de forma imediata aos seus problemas no quadro de não realização de um programa previsto. Durante o governo da UP a lógica era diferente, era um governo dito do povo, que tinha legislado sobre a expropriação. A noção de propriedade estava sendo redefinida através de uma legislação da expropriação, as tomas não eram mais que uma conseqüência lógica dessa associação *expropriação legal – governo do povo*. (SEGUEL-BOCCARA, 1999, p.249). Nessas circunstâncias que os pobladores, o campesinato, os operários nas fábricas usaram massivamente essa forma de reivindicação, não só como meio de pressão, mas por ser o que era considerado como um direito, numa clara expressão de reapropriação do projeto socialista.

O depoimento de uma trabalhadora, moradora do acampamento Nueva La Habana aponta nesta direção:

> Nós conhecemos agora a força do patrão, mas nós sabemos que nós somos fortes. Agora, nós não lutamos somente para que os ricos aumentem nossos salários, nós sabemos que nossos direitos vão desde o direito de ocupar sua fábrica, até o de tomá-la, e até o de fazê-la produzir e os operários mesmos dirigi-la. Aí que está nossa força! [...] Por exemplo, os ministros deveriam ir às poblaciones, às fábricas, às indústrias; deveriam falar e conversar com o povo. Porque é muito fácil ser revolucionário atrás de uma escrivaninha, mas é menos fácil ser revolucionário tendo contato com a gente, porque nós vivemos onde o diabo perdeu o poncho; porque nós somos muitos e podemos fazer perguntas difíceis, e isso que somos mais ignorantes que os de cima. (Chile Hoy, n.32, 1973) [Tradução minha]

A partir do questionamento aos limites impostos à participação dos trabalhadores e às mudanças num momento de radicalização e de busca de um novo direcionamento para o trabalho e para o produto dele gerado vemos mais do que os discursos programáticos vocalizados pelos partidos da esquerda, vemos que a dinâmica de atuação dos trabalhadores ultrapassou os canais institucionais de representação, e principalmente, as orientações partidárias e sindicais. Suas ações eram respaldadas nas suas experiências de exploração e nos antecedentes de tradição política e de lutas dos trabalhadores, que se expressaram ao longo de décadas através de diferentes formas de ação que se combinaram numa lógica política própria, como a organização de núcleos de representação, a articulação de greves e de ocupação de fábricas para exigirem o reconhecimento dos seus direitos básicos, as barricadas, a ocupação de terrenos para garantir a moradia, a organização de acampamentos, ou a sua militância partidária. Mobilizações que agora se articulavam com um projeto político de transformação.

Nestes resultados iniciais foi possível detectar elementos importantes do envolvimento dos trabalhadores com o processo político. O sentido da libertação que almejavam quando lutavam em defesa do governo perpassava desde a defesa de uma maior humanização das condições de trabalho, por meio da implementação de melhorias, pelo direito a um sindicato livre do controle patronal, até o sentimento da capacidade de argumentar e influenciar num processo político mais amplo. A conquista da libertação incidia na recusa à submissão a condições precárias de trabalho, como não terem direito ao horário de almoço ou exporem sua saúde a riscos para gerar lucros aos seus superiores. Caso ilustrativo é o da indústria Mademsa, na qual os trabalhadores realizaram uma paralisação para exigir a intervenção do governo contra a superexploração, representada pelo pagamento por peça produzida, e pelas condições insalubres de trabalho:

> As péssimas condições de segurança industrial e de higiene são uma mostra da superexploração do trabalho. Na fundição desta empresa, a chaminé que há quatro anos dava para a rua, foi cortada e deixada dentro da oficina. Os vizinhos da Mademsa, os industriais de camisas Harrow, reclamaram que os resíduos expelidos pela chaminé eram um inconveniente para a brancura das camisas. Os industriais de ambas as empresas se entenderam muito bem e o conflito ficou solucionado ao deixar que os resíduos da fundição fossem absorvidos pelos próprios operários que trabalham nela. (**Punto Final**, Año VI, n.160, junio-1972, p.11) [Tradução minha]

Os relatos de desmandos patronais e das precariedades nas condições de trabalho são comuns em diferentes empresas. Assim como trabalhadores da fábrica Yarur relataram a Winn, Hugo Valenzuela nos descreveu em entrevista situações muito semelhantes na fábrica têxtil Sumar, como a falta de liberdade para ir ao banheiro, que era permitida somente uma vez ao dia, a figura autoritária do patrão e as dificuldades para reivindicar melhorias no local de trabalho, devido ao órgão de representação dos trabalhadores ser uma representação sindical amarela, conforme já citamos anteriormente. Como um exemplo das dificuldades cotidianas ele citou a ausência de condições mínimas de alimentação no trabalho:

> Nós não tínhamos um refeitório onde almoçar [...], não havia absolutamente nada. Inclusive, quando chegava a hora do almoço nos davam um sanduíche e uma bebida. Tínhamos que comer sentados no pátio, no chão. Eu me lembro que minha primeira experiência de... digamos... rebeldia nisso foi que nos deram um sanduíche em que o presunto estava estragado. Então, um companheiro parou e jogou o sanduíche na janela, e começou todo mundo a jogar os sanduíches até que se formou uma montanha de sanduíche (Hugo Valenzuela, junho-2009). [tradução minha]

Da mesma forma, a libertação significava extirpar da fábrica os símbolos da exploração sofrida, o que era muitas vezes reconhecido não somente nos patrões, mas também naqueles que se dedicavam ao controle do seu trabalho e com os quais se davam os conflitos no cotidiano fabril, os chefes de seção:

> Quando nós estatizamos a fábrica seguimos com os mesmos técnicos e com os mesmos chefes, e aí se deu o problema, porque apesar de termos um longo caminho de aprendizagem com os trabalhadores, também ocorreu uma espécie de caça às bruxas. Os trabalhadores se sentiram agora como os donos da empresa, portanto, "estes tipos têm que pagar o que fizeram". Então, a princípio tinha que acalmar a ânsia dos trabalhadores para despedir os técnicos e os chefes. (Hugo Valenzuela, junho-2009) [tradução minha]

Este ato foi recorrente em diferentes empresas, como na indústria Perlak, do Cordão Cerrillos-Maipú, cuja greve e ocupação pelos trabalhadores culminaram na expulsão dos patrões e gerentes da fábrica. A referência aos abusos da administração se faz presente também em outros relatos encontrados na imprensa da época:

> Quando havia um acidente, os gerentes da empresa negavam seus veículos último modelo para transportá-lo [o operário], alegando que poderia manchar o tapete com sangue, porque, segundo eles, o operário é bêbado, preguiçoso e ladrão. (**Chile Hoy**, n.5, 14 de julho 1972) [Tradução minha]

Todas essas reivindicações em torno de melhorias básicas, que podem ser consideradas convencionais, devem ser entendidas dentro de uma conjuntura na qual os trabalhadores entendiam vivenciar o "governo dos trabalhadores", ou seja, um momento no qual seus anseios seriam ouvidos e alcançados, no qual todas as privações, por mínimas que fossem, e todos os desmandos deveriam ser extintos do cotidiano, iniciando uma nova fase, com um novo sentido para o trabalho. Mais importante, sentir-se como sujeito do processo significava uma grande conquista, e isso se dava de diferentes maneiras, como, por exemplo, no reconhecimento do valor do seu ofício e do seu conhecimento. A partir das suas experiências acumuladas, essa geração de trabalhadores aspirava contribuir com a formulação de reivindicações e da gestão das suas lutas.

Dentre os primeiros resultados obtidos na pesquisa, é possível afirmar que o processo da "experiência chilena" representou a culminação de um longo processo de luta que assumiu diferentes facetas, mas que entre os trabalhadores significava "a sua vez de transformar o Chile numa sociedade mais justa". Os discursos proferidos pelos trabalhadores, a linguagem utilizada, especialmente para se diferenciar dos seus opositores, seus atos de ocupação de fábricas, prédios, terrenos urbanos e rurais, são um conjunto de elementos que expressavam a afirmação de uma identidade e da sua lógica política própria, sem se importarem se isso convinha à racionalidade do projeto institucional.

Inegavelmente, nesta conjuntura, enquanto se multiplicavam as ocupações de fábricas, de estradas, de órgãos públicos, muitos fundamentos da acumulação de capital e da propriedade privada dos meios de produção foram contestados. Este foi um processo marcado pelo antagonismo social e pela centralidade do conflito entre capital e trabalho. Longe de interpretarmos os conflitos de fábrica como "lutas economicistas", entendemos que as ações dos trabalhadores expressaram este sentimento de uma identidade coletiva em defesa dos seus anseios e contra interesses antagônicos, representados nos mais diversos personagens que aprofundavam uma proposta de

transformação da sociedade e que iam muito além dos ditames de lideranças partidárias de qualquer tendência.

Bibliografia

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo**: a experiência chilena. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2002.

GAUDICHAUD, Franck. Etude sur la dynamique du mouvement social urbain chilien. « Pouvoir populaire » et Cordons industriels durant le gouvernement de Salvador Allende (1970-1973). **Thèse pour obtenir le grade de Docteur en Science Politique**. Université Paris VIII – Vincennes - St Denis. UFR Science Politique, 2005.

GARRETÓN, Manuel A. Continuidad y ruptura y vacío teórico ideológico: dos hipótesis sobre el proceso político chileno, 1970-1973. **Revista Mexicana de Sociologia**, [s.l.], v. 39, n.4, p. 1292, oct./dic. 1977.

_____; MOULIAN, Tomás. **La unidad popular y el conflito político en Chile**. Santiago: Ediciones Minga, 1983.

SEGUEL-BOCCARA, Ingrid. **Les passions politiques au Chili durant l'Unité Populaire (1970-1973)**. Essai d'analise socio-historique. Montreal: L'Harmattan, 1997.

SILVA, Miguel. **Los Cordones Industriales y el socialismo desde abajo**.Santiago: Lizor, 1998.

VALLEJOS, Julio Pinto (Coord). **Cuando hicimos historia**. La experiencia de la Unidad Popular. Santiago: LOM Ediciones, 2005

WINN, Peter. **Tejedores de la revolución**. Los trabajadores de Yarur y la vía chilena al socialismo. Colección Movimientos Sociales. Traducción de Verónica Huerta y Paula Salazar. Santiago: LOM Ediciones, 2004

WOOD, Ellen M. **Democracia contra Capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. SP: Boitempo, 2003.

Fontes

MASSALIN, Carlos Cortez. Carlos Cortez Massalin, **depoimento** [junho 2009]. Entrevistadora Márcia C.O. Cury. Santiago, 2009. 214 min. Entrevista concedida ao projeto "O protagonismo popular: Experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)". Transcrição de Lucas Ochsenius.

SALAS, Rafael E. Hombre Nuevo. In: **Poemas de amor, de lucha y de trabajo**. Creación de 8 trabajadores de Textil Progreso. Departamento Cultural do Sindicato Textil Progresso, 1971, p.38-39.

VALENZUELA, Hugo. Hugo Valenzuela, **depoimento** [junho 2009]. Entrevistadora Márcia C.O. Cury. Santiago, 2009. 133 min. Entrevista concedida ao projeto "O protagonismo popular: Experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)". Transcrição de Lucas Ochsenius.

Chile Hoy, n.5, 14 de julho 1972.

Chile Hoy, n.32, 19 Enero de 1973.

Punto Final, Año VI, n.160, junio-1972.